

O Enigma de 1608: Quando os Céus da Provença Teriam Testemunhado uma Batalha de "Seres Celestiais"



MARSELHA, Nice, Génova – Agosto de 1608. Enquanto a Europa acabava de sair das Guerras de Religião e a aviação ainda estava a três séculos de distância, um relato inquietante começou a circular pelo sul da França e pela Ligúria: "sinais terríveis e espantosos" apareceram no céu, seres misteriosos enfrentaram-se nos ares, e uma chuva vermelha como sangue caiu sobre a região. Quase quatro séculos depois, esta história ressurgue regularmente nos círculos ufólogos como um dos "avistamentos de OVNI's" mais antigos documentados. Mas o que dizem realmente as fontes?

Um relato nascido de um "folheto sensacionalista" do século XVII

A origem deste caso remonta a um folheto popular da época, intitulado *Discurso sobre os terríveis e espantosos sinais aparecidos sobre o mar de Génova*, atribuído a um tal Pierre Ménier, "porteiro da porta Saint-Victor" em Marselha. Este tipo de publicação, conhecida em francês como "canard", era o equivalente aos jornais sensacionalistas de hoje: textos curtos, vendidos a baixo preço, misturando notícias, prodígios e moral religiosa para cativar um público popular. Segundo a versão mais citada pelos entusiastas da ufologia, na noite de 25 de agosto de 1608, perto de Martigues (a poucas léguas de Marselha), supostamente apareceu no céu uma "nave metálica", realizando manobras erráticas antes de parar no ar. Dois seres teriam saído dela e travado um duelo aéreo, trocando o que as testemunhas descreveram como "relâmpagos" ou "raios de luz". Diz-se que o mesmo fenómeno foi observado em Nice a 5 de agosto, e depois em Génova a 22 de agosto, onde supostamente "carruagens puxadas por dragões flamejantes" sobrevoaram o porto, resistindo até a 800 disparos de canhão efetuados pelas autoridades.

Uma semana depois destes eventos, uma "chuva de sangue" teria caído sobre a Provença, reforçando a ideia de um castigo divino aos olhos das populações da época.

O que dizem os historiadores: fé, folclore e contexto

Para os especialistas em história moderna, este relato insere-se numa tradição literária bem identificada. Como assinalam os estudiosos do ceticismo histórico, os "canards" dos séculos XVI e XVII não se destinavam a relatar factos no sentido jornalístico contemporâneo, mas a transmitir uma lição moral, frequentemente de carácter religioso. As aparições celestes, as batalhas aéreas e os prodígios meteorológicos eram motivos recorrentes, inspirados nomeadamente no Apocalipse ou em crónicas medievais.

O fenómeno da "chuva vermelha", por sua vez, é muito real e documentado pela ciência moderna: geralmente explica-se pelo transporte de poeira desértica (proveniente do Saara, principalmente) ou de esporos de algas, que tingem as precipitações. O naturalista Nicolas-Claude Fabri de Peiresc, que investigou uma chuva vermelha na Provença em 1608, atribuiu-a, de facto, a... excrementos de borboletas.

Além disso, investigações realizadas nos arquivos genoveses pelo historiador Diego Cuoghi não revelaram qualquer registo oficial dos eventos descritos no *Discurso*: nem nos registos do Senado, nem nos relatórios militares ou eclesiásticos da época. Um silêncio que convida à reflexão, especialmente considerando a suposta magnitude dos factos.

Uma reinterpretação moderna: quando a ufologia relê o passado

A partir da década de 1970, certos investigadores ufólogos começaram a reler estes relatos antigos através do prisma das observações contemporâneas de OVNI. Elementos como "naves metálicas", "seres com trajes escamosos" ou "armas de energia luminosa" são então destacados, por vezes à custa de interpretações muito livres do texto original. Segundo compilações deste tipo de testemunhos, o incidente de Martigues de 25 de agosto de 1608 é apresentado como um caso de "encontro próximo do terceiro tipo", com "seres humanoides" e "sequelas físicas" como a chuva vermelha e um odor a enxofre. Estas descrições, embora cativantes, afastam-se consideravelmente do estilo alegórico e religioso do documento fonte.

Por que continua a fascinar esta história?

Para além da questão da sua veracidade histórica, o relato de 1608 toca em temas universais: o medo do desconhecido, a busca de sentido perante fenómenos inexplicáveis e a ténue fronteira entre o sagrado e o sobrenatural. Numa época em que a ciência moderna não existia, interpretar eventos extraordinários como sinais divinos era uma resposta racional dentro do quadro de pensamento da época.

Hoje, esta história ilustra também como os mitos se transformam com o tempo. O que era um aviso moral no século XVII torna-se, quatrocentos anos depois, um argumento para alguns defensores da hipótese extraterrestre.

Em conclusão: um mistério aberto, prudência necessária

O "caso de 1608" permanece sem resolução até hoje. Nenhuma prova material confirma a realidade de uma visita "não humana" às costas mediterrânicas naquele verão. Mas o documento de Pierre Ménier é muito real: testemunha como as sociedades de outrora davam sentido ao incompreensível.

Como recorda o historiador Yannis Deliyannis, este tipo de literatura deve ser lido com as chaves da sua época: "Os repórteres dos séculos XVI e XVII, tal como os seus leitores, estavam mais preocupados com a 'moral' da informação do que com a sua novidade ou aspeto sensacional".

Talvez a verdadeira lição desta história não seja saber se "naves" sobrevoaram a Provença em 1608, mas compreender como, através dos séculos, a humanidade continua a olhar para o céu em busca de respostas, venham elas de Deus, de outro lugar, ou de nós mesmos.